

foi libertado em setembro pelo novo presidente da província, Herculano Ferreira Pena. A situação dominada pelos liberais levava-o ao cárcere; a dominada pelos conservadores libertava-o. Entre setembro e novembro, entretanto, o processo de radicalização da *Praia*, com os liberais agora na oposição, acentuou-se rapidamente e Borges da Fonseca aceitou o movimento armado que esposava os princípios que defendera sempre: participou dele, desde o início, a 6 de novembro, agora como combatente e dos mais destemerosos.

Na fase histórica que culminaria com a rebelião Praieira, teve destaque, também, nas lides de imprensa, a figura do padre Miguel do Sacramento Lopes Gama. Professor, político, parlamentar, mas principalmente diretor e redator de jornais, Lopes Gama variou entre a doutrinação e a polêmica mais áspera. Naquela, seu mérito foi muito grande; nesta, apesar de sua combatividade, nem sempre esteve na posição mais justa. As condições que marcaram suas atividades têm perturbado o julgamento de seu papel. Lopes Gama apreciou os grandes problemas do tempo, com visão lúcida quase sempre, e às vezes excepcionalmente exata. Mesmo no pasquim *A Ratoeira*, de que só circulou um número, a 3 de setembro de 1847, teve oportunidade de esclarecer que “em nossos dias, três homens distintos têm tentado o melhoramento das classes laboriosas, mediante a reforma da sociedade em geral: St. Simon, Fourier e Owen”. Alfredo de Carvalho acha que o período áureo de Lopes Gama teria sido o de *O Conciliador Nacional* e de *O Constitucional*. Amaro Quintas opina de modo diferente: o melhor Lopes Gama estaria em *O Sete de Setembro*, que circulou entre 7 de setembro de 1845 e 16 de abril de 1846. A razão está sem dúvida com este último julgamento.

Pouco depois do lançamento deste jornal, no número de 10 de outubro, Lopes Gama se definiria, em relação ao quadro que a província apresentava: “O partido praieiro em Pernambuco é todo o povo que reage contra a facção oligárquica que o oprime por tantos anos”. A 31 do mesmo

Entretanto, talvez que a Relação desta província melhore a sorte do sr. Borges da Fonseca, provendo ao recurso que ele interpôs, da decisão pela qual o sr. Presidente do júri não quis admitir a exceção que o sr. Borges oferecera, baseado em uma sentença que julgava ontrem o responsável pelos atos de que o acusava”. (*Jornal do Comércio*, Rio, 26 de setembro de 1848). O *Diário de Pernambuco*, fonte da transcrição, tomava posição simpática a Borges da Fonseca, quando do julgamento, porque ele atacava então a *Praia*, que estava no poder. O órgão conservador estava na oposição; os liberais revidavam aos ataques de Borges da Fonseca ao poder, que detinham, com o processo e a prisão. Como sempre, a direita liberal fazia o jogo consciente ou não da direita conservadora. Borges da Fonseca, que vinha combatendo os liberais de direita, no exercício do poder, parecia simpático aos conservadores de direita, colocados na oposição. Com o movimento armado, tudo se esclareceria.